



Revista Realidade: como um romance?¹

José Anderson Freire Sandes²

RESUMO: Este trabalho tem como principal foco de análise as reportagens “Coronel Não Morre”, de José Hamilton Ribeiro, “O Sertão quer um Messias”, de Dirceu Soares e “Eles Estão com Fome”, de Eurico Andrade, publicadas na revista Realidade. No período entre 1966-1968, a revista renovou o jornalismo brasileiro. Mas reforçou antigas práticas discursivas com relação ao Nordeste. A pesquisa analisa, ainda, estratégias, apelos e valores da publicação numa quadra histórica de mudanças com base em referenciais teóricos da função pedagógica do Jornalismo, métodos de apuração, seleção e produção de reportagens.

Palavras-Chave: Realidade; Nordeste; Jornalismo; História da Imprensa; Romance-Reportagem.

1. Introdução

No jornalismo sabemos que o senso comum é predominante e que reproduz crenças, preconceitos e mitos cristalizados, padrões mentais inconscientes que organizam nossa forma de ver e de viver. Por isso, ainda a supremacia no jornalismo diário do lide, termo que vem do inglês lead, da pirâmide invertida e da tão discutida objetividade. Ora, a ideia de que as notícias de jornal retratam a “realidade” não faz sentido, mas sim que elas ajudam a construir o que entendemos por realidade.

No entanto, o lide e a pirâmide invertida ainda são ferramentas utilizadas nas rotinas das redações do jornalismo comercial, embora discutidas e desconstruídas no âmbito acadêmico. Para Alsina, o conceito de objetividade é um dos elementos chaves para compreender a ideologia do modelo liberal mantido pela imprensa. “Partimos do princípio que é um bem que pode ser atingido, uma aspiração, mas que é de difícil acesso”. (ALSINA, 2005, p. 238).

Mesmo diante da complexidade do mundo de hoje, o jornalismo comercial no jornal ou na revista busca o senso comum através da escolha de fontes, da apuração de temas e da forma de se contar histórias, cristalizando e reforçando preconceitos. Até hoje a região e o povo nordestinos são vistos pela “tribo jornalística” como um espaço

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

² Professor Assistente II do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Cariri - UFCA. Mestre em Letras pela Universidade Federal do Ceará e bacharel em Comunicação Social pelo UniCeub. e-mail: jose_sandes@yahoo.com.br ou josesandes@cariri.ufc.br.



do atraso, do messianismo, da fome e, porque não dizer, do novo coronelismo – oligarquias que perpetuam o atraso na região. Tanto no passado, como no presente, essas narrativas sobre o Nordeste ainda se reproduzem.

No entanto a revista *Realidade*, principalmente nos anos de 1966-1968, inovou na forma de narrar história, utilizando ferramentas da literatura e do jornalismo em suas reportagens. Lançamos neste trabalho o olhar sobre três reportagens publicadas na revista “*Realidade*” sobre o Nordeste: “Coronel Não Morre”, de José Hamilton Ribeiro, publicada em novembro de 1966, “O Sertão quer um Messias”, de Dirceu Soares, publicada em dezembro de 68 e “Eles Estão com Fome”, de Eurico Andrade, publicada em agosto de 68.

Apesar de uma narrativa próxima a do livro-reportagem ou ao novo jornalismo norte-americano, *Realidade* reproduziu o mesmo discurso sobre o Nordeste – ora utilizando fontes oficiais -, nunca criticando o poder militar pelas mazelas da região -, ora pinçando relatos de nordestinos imersos na fome, na miséria e no fanatismo, relatos que cristalizam, de forma romanesca, uma visão lírica, mas ao mesmo tempo trágica, da região.

A revista *Realidade* foi uma das publicações mais discutidas da imprensa brasileira. Estudada por diferentes perspectivas, *Realidade*, lançada em 1966, inovou em várias frentes, especificamente no período 1966/1968. Tocou em pontos nevrálgicos do pensamento conservador, assentado como tradição na sociedade brasileira, ao referir-se a mudanças comportamentais em um amplo espectro que ia do questionamento da estrutura familiar até a novidade da pílula anticoncepcional. Abordou ainda problemas ligados a vida política, econômica, cultural e social brasileiras. Tocou nos mitos da cultura de massa. Matérias que polemizaram e fascinaram por um texto que unia códigos da literatura com o do jornalismo.

Realidade, além de polêmica, foi uma das revistas ilustradas mais importantes do País – com uma diagramação avançada para a época, a revista equilibrou texto e fotografia e inovou no seu modo de contar histórias, investindo principalmente em reportagens verticalizadas que respondiam, em parte, as mudanças nas políticas públicas de cultura no Brasil.

A revista transitou entre a vanguarda e o conservadorismo. Foi de vanguarda quando tratou de assuntos como a legalização do divórcio, a liberdade sexual das mulheres e dos jovens, o homossexualismo, o fim do celibato para os padres, entre



outros. *Realidade* foi conservadora quando reproduziu discursos do poder ao realizar perfis de várias personalidades ligadas ao regime militar ou reportagens que reforçaram estereótipos e clichês entranhados na cultura brasileira.

2. Redescobrimo a Realidade

O grupo fundado em 1950 por Victor Civita inicia sua produção publicando no Brasil o Pato Donald. Entre 1950 e 1959, ela edita sete títulos; entre 1960 e 1969, o número sobe para 27; no período de 1970 a 1979 atinge 121 títulos. (ORTIZ, 1989 p. 123). Foi entre 1966 e 1968, que *Realidade* conectou a sua linha editorial aos segmentos sociais emergentes que questionaram, em meados dos anos 60, à ordem conservadora.

José Hamilton Ribeiro, ex-repórter da revista, apontou os elementos conjunturais para o sucesso de *Realidade*: a aposta em se equilibrar entre o tímido liberalismo de Castelo Branco, primeiro presidente da ditadura militar, e o clima de fermentação mundial que desembocaria em 1968: “Alemanha, Paris, Vietnam, China, México, Brasil – o diabo ficou à solta naqueles tempos do macaco, com a moçada agitando tudo, para sempre”. (MORAES, 2007, p.44). *Realidade* não teria como ficar de fora de tamanha transformação. A agenda pública, afinal, influencia, num grau considerável, a agenda da mídia. Por outro lado, “o percurso das práticas comunicativas está intimamente ligado a práticas sociais em um espaço próprio de existência numa estrutura de recursos materiais e de regras de discursividade com a sociedade”. (RIBEIRO, 2004, p. 10).

Nos primeiros três anos de existência, *Realidade* atingiu número de leitores dos mais expressivos para uma revista mensal – o pico da revista 500 mil exemplares foi alcançado na edição número 11. Cada edição da revista trazia doze matérias sobre diferentes assuntos. Uma fórmula que um dos redatores da revista Mylton Severiano da Silva, chamou de caleidoscópio. Não foram apenas as escolhas dos temas os atributos positivos alcançados por *Realidade*. Mas também seu texto inovador. Para Edvado Pereira Lima, a publicação teve o mérito de encontrar uma expressão literária própria, ajustada ao relato do real que, se não fazia avançar a técnica literária – de ficção ou de factualidade – para rumos completamente novos, adaptava às suas necessidades o arsenal de artifícios correntes naquele momento histórico.

Uma das características do “estilo Realidade” é que não havia estilo uniforme padrão. Cada profissional que procurasse a sua forma de



expressão, mais indicada para cada circunstância. Por isso, as reportagens tinham seu toque de individualidade e o que dava unidade de estilo à revista é que todos primavam pela experimentação estética. *Realidade* era uma revista de sabor, as matérias tinham de encontrar a sua forma de canalizar e reproduzir o contato visceral com a vida. (LIMA, 2009, p. 230).

A professora Letícia Nunes de Moraes assinala que os jornalistas da *Realidade* assumiram a linguagem do *new journalism* norte-americano. Além do estilo literário na narração dos fatos, destaca-se a presença do repórter na matéria, podendo até mesmo ser um personagem de sua narrativa e anulando, assim, a suposta objetividade jornalística.

O professor José Salvador Faro ressalta, ainda, que *Realidade* apresentava ao leitor, no texto e na temática, uma abordagem diferenciada que “só a investigação jornalística – no âmbito do sentido revelador que a grande reportagem permitia e que correspondia às demandas da conjuntura cultural do período – tornava possível”. (FARO, 1999, p. 199)

Percebemos que o jornalismo, como concebido pela linha editorial de *Realidade*, confronta-se com a decifração do real, este tomado como categoria bem mais geral do que a notícia e seu estrito sentido técnico. O jornalismo enfrenta uma especulação ilimitada, um mergulho na verdade de muitas faces, contradições em que a situação do jornalismo é sempre relativa, nunca totalmente objetiva, cientificista como pretendem os clássicos da objetividade.

O território do texto autoral não é o da imaginação (texto literário). No entanto, nas reportagens analisadas sobre o Nordeste, os repórteres de *Realidade* se valeram de códigos do campo literário quando reproduziram diálogos, descreveram ambientes e pessoas e, principalmente, quando tensionaram a história, “narrativas impregnadas de impressões do repórter”. (LIMA, 2004, p. 195).

3. O mito do Coronel

Realidade não deixou de revisitar antigas e recorrentes pautas, muitas delas consideradas exóticas e folclóricas por parte da imprensa do Sul, quando explorou, por exemplo, o coronelismo, a fome e o messianismo no Nordeste. Seja em grandes reportagens, seja traçando perfis de personagens da região. Geralmente, matérias de interesse humano, algumas tratando do desespero do nordestino, uma leitura triste e estarrecedora de uma região mergulhada em tragédias.



Muitas dessas reportagens não deixaram de ressaltar preconceitos, mitos e misérias reforçando o discurso de um Nordeste regido apenas pela seca, messianismo coronelismo e o cangaço. “Coronel Não Morre”, de José Hamilton Ribeiro, publicada em novembro de 1966, reforça essa imagem. Apesar do texto construído com vários cortes narrativos (aos moldes do *new journalism*), Hamilton Ribeiro não deixa de legitimar, no discurso do coronel e de sua parentela, chavões já configurados nos processos de comunicação social e da mídia.

Francisco Heráclio do Rêgo (1885-1974) foi um dos mais fortes e importantes coronéis nordestinos das primeiras décadas do século passado do Nordeste brasileiro. Dominou durante décadas a cidade de Limoeiro, agreste pernambucano. Foi um dos coronéis pernambucanos mais ligados à imprensa. Não vivia à margem da Lei, e não representava, portanto, a rebelião e a oposição às estruturas de poder dominante. “Bem ao contrário, fazia parte dessa estrutura, e não tinha a necessidade de utilizar a violência armada para impor-se: seu domínio era ligado à riqueza, às alianças com outras estruturas de poder e ao carisma”. (RÊGO, 2008, p. 250).

Quando *Realidade* o entrevistou, em 1966, Chico Heráclio não era mais o poderoso coronel de antigamente, mas detinha um capital simbólico construído, principalmente, através de suas relações com a imprensa. Ele arquitetou uma imagem ideal, conseguindo repercussão na imprensa de todo o País. Inspirou personagens de programas de rádio e televisão. Nunca deixou de receber jornalistas. E através deles ganhou fama nacional.

O repórter José Hamilton Ribeiro, autor de “Coronel Não Morre” utiliza vários recursos estilísticos para descrever a rotina de um dia na vida do coronel. O perfil é traçado a partir de diferentes focos narrativos. Antes de apresentar Chico Heráclio ao leitor, o repórter descreve personagens, a cidade de Limoeiro, cenas da casa-grande. O coronel é citado, no início da matéria, apenas como um dos mais poderosos homens da região. No decorrer da narrativa, Hamilton vai reforçando a mitologia explorada por romances, novelas e pela própria imprensa em torno do coronel de Limoeiro ou Leão das Varjadas – nome de sua fazenda mais conhecida – “Sua vontade sempre foi à lei de todos”; “A bondade é como o terrorismo: uma tática”; “Criminoso tem honra, assassino não presta” – foram alguns dos intertítulos colocados ao longo de nove páginas do perfil.



Até apresentá-lo ao leitor, o repórter vai soltando apenas pistas, pílulas que tencionam o texto. “Às sete da manhã o coronel está em seu gabinete – a varanda da sua casa”. Da varanda da casa do coronel, Hamilton Ribeiro vai descrevendo personagens que vivem ao redor dele, todos submissos, até seus próprios filhos. “Filho meu só é de maior quando eu morrer”. José Hamilton quase não interfere na construção do perfil do coronel e se mantém como um observador, mas observador atento e singular. Suas marcas no texto são visíveis. Desse narrador, o que o leitor espera, tacitamente, “não é um discurso da verdade absoluta, mas sim uma leitura individual, marcada pela experiência própria do autor, seu modo de captar e expressar a realidade, sua interação com as personagens da história.” (LIMA, 2009, p. 369)

José Hamilton Ribeiro tece uma narrativa com vários cortes. Ora reproduzindo cenários, ora diálogos de Chico Heráclio e sua parentela. Situação (unidades básicas do acontecimento); intensidade (ressonância emocional do acontecimento) e o ambiente (descrição de traços do meio físico ou mental que cercam o fato) são, para Edvaldo Pereira Lima, pontos essenciais da narrativa autoral. Três elementos também presentes no texto “Coronel Não Morre”.

Da cerquinha da varanda, sem entrar, mostra-se um moreno baixo, cabelo cortado rente, os olhos piscando muito.

- Baú tá liso, coronel.

O coronel levanta-se, vai até o homem, passa-lhe umas notas de mil, manda-o caminhar e, antes de voltar para sua cadeira, explica.

- Com toda a cara de bobo, esse aí já matou um. Tirei ele da cadeia.

Entrando pela porta dos fundos, uma mulher muito bem disposta surpreende o coronel.

- O que cumade, já está raspando a perna do defunto. Nem bem o homem chegou ao céu, já vosmicê tá toda enfeitada outra vez? (REALIDADE, novembro de 1966, p. 10)

(...)

Em nenhum lugar o coronel desce do carro. Todos vêm até ele, que não conversa muito. Dá o recado que quer, e ordena ao motorista.

- S’imbora, Mané.

Cumprimenta pelo nome a maioria das pessoas, e só pára para conversar se o sujeito é um *contra*. Desbocado e direto, não manda ninguém dizer – ele mesmo diz. As crianças o reconhecem no carro e gritam:

Olha o coronel Chico.

Ele responde:

- Sai pra lá, simbutê!

Se vê por ali uma moça bonita, novinha, manda o motorista dar várias voltas no quarteirão:

- Revólver, automóvel e mulher, pra mim só zero quilômetro. (REALIDADE, novembro de 1966, p. 32)

(...)



O destempero verbal prossegue e, na beira do escândalo, vem o pantim.
(tática terrorista)

- Olhe, cumade, vosmicê qué fazê festa, faiz. Mas se aquele cabra vier aqui eu mando um dos meus meninos acabar com esse forró a tiro. Não é muleque. (REALIDADE, novembro de 1966, p. 32).

Como um narrador atento, particularmente aos detalhes, Hamilton vai descortinando a vida do coronel Chico Heráclio – vida simples, homem de hábitos rústicos, mesa simples, mas farta, grande proprietário rural, grande inteligência, desinteresse pela educação formal dos filhos (“único diploma que dou a eles é o de deputado”), seu apego ao passado, a Limoeiro e ao seu povo. José Hamilton não deixa de registrar também seus métodos de perseguição política, sua falta de piedade com os inimigos e forma de explorar os pequenos proprietários. Além de conceitos que sempre pontuaram a vida de Chico Heráclio.

Para ele a diferença entre criminoso e assassino é fundamental: “Criminoso mata numa briga, por questão de honra ou de legítima defesa, onde também podia ter morrido. Assassino mata por perversidade, ou para roubar, Esse não presta”. (REALIDADE, novembro de 1966, p. 34)

O perfil de Chico Heráclio traçado por José Hamilton Ribeiro faz a representação típica do senhor patriarcal: comandante absoluto de seus domínios composto por parentes consanguíneos, pelos compadres, afilhados e agregados. A figura do coronel transmitida pela imprensa nacional corresponde a que ele sempre tentou imprimir. Sua caracterização de figura folclórica, que pertence a outra época, por exemplo, é determinante na representação mítica encontrada na reportagem de José Hamilton Ribeiro. “A ideia do último coronel e do fim de uma época é recorrente, mas matizada uma outra, a de imortalidade: o coronel não morre. A síntese e a conclusão são a constatação que faz a reportagem publicada na revista *Realidade*: ninguém é indiferente a figura do coronel”. (RÊGO, 2008, p.301).

4. Sina sertaneja

Já o jornalista Eurico Andrade na reportagem “Eles Estão com Fome”, publicada na revista *Realidade*, em agosto de 68, reflete também o drama de uma região, mergulhada no esquecimento e na pobreza. Como Hamilton, ele serve-se de recursos



literários para humanizar a história, mas também reproduz o senso comum. Compara a fome da zona da mata Pernambucana a de países africanos. O início é impactante.

Berto Miranda deu um nó da ponta da camisa sem botão, apanhou o chapéu de palha e a cuia de farinha e foi para à frente da casa amolar a enxada. O sol não havia saído ainda, mas o canal do engenho de Bonfim (Pernambuco) já estava ficando verde com a primeira claridade da manhã. Quando o sol aparecesse, Berto estaria limpando a cana. Logo que ele começou a bater a enxada, a mulher surgiu no terreiro, meio receosa de falar:

- Berto tu vai levar essa farinha da cuia?

- E eu só vou comer o que de almoço?

- É que só tinha esse restinho em casa, deixe para os meninos, o que é que se faz?

Berto continuou batendo a enxada até a mulher retirar-se. Depois abandonou a cuia de farinha e a enxada e caminhou cabisbaixo para o mato. Antes do meio dia, os outros lavradores trouxeram o cadáver. Berto se enforcara. (REALIDADE, agosto de 1968, p. 149).

A narrativa de Eurico Andrade não tem um personagem principal. Mas sim vários. Todos são vítimas da fome. Com rápidos cortes narrativos, ele passa de um drama para o outro. A maioria ocorrido no município de Ribeirão, a 85 quilômetros de Recife, uma cidade velha, com menos de dez mil habitantes. Lá encontrou um posto do Instituto de Nutrição da Universidade Federal de Pernambuco, órgão quase abandonado por falta de verbas. “Ribeirão é nossa Índia”, reclama o professor Nelson Chaves, diretor do Instituto.

O repórter é conduzido pelo assistente do professor Nelson, o Dr. Batista (Eurico Andrade não mencionou o sobrenome), personagem que o apresenta a inúmeras famílias da cidade. Todas com um rosário de problemas, esquecidas pela mão de Deus e do Estado. Antes, porém, Eurico registra que noventa por cento das terras de Ribeirão são ocupadas por engenhos de cana. Contraponto importante, principalmente por focar as histórias narradas entre dois conhecidos polos: o do bem e o do mal.

Quase noventa por cento das terras desse município são assim: uma imensa onda verde que se mexe o dia inteiro ao balanço do vento e parece invadir a cidade. O canal só acaba quando chega a estação, a menos de um quilômetro da Igreja Matriz. As terras são quase todas das usinas de cana de açúcar. A população rural, mais de dez mil pessoas, moram em casinhas de barro. (REALIDADE, agosto de 1968, p. 149).

Ou quando narra assassinatos de trabalhadores rurais:



No dia 23 de janeiro, um sócio do sindicato, José Carneiro da Silva, foi assassinado a tiros pelo administrador Otávio, do engenho do Retiro. Testemunhas viram o crime. Carneiro morreu por que disse que não ia trabalhar no domingo. Quando deu as costas, Otávio atirou. Não houve, sequer processo. (REALIDADE, agosto de 68, p. 159).

Através do Dr. Batista, Eurico Andrade vai percorrendo o município e tecendo o drama de seus moradores. Um deles é a história de José Juvenal Silva, 61 anos, que chega ao consultório do Dr. Batista nervoso. Descreve, em discurso direto, uma longa conversa com José Juvenal. “Levei uma pancada no estompo, empurrando o arado, e fiquei esses dias sem trabalhar, tive que pedir ajuda, não podia comprar fiado no barracão. Mas a semana que entra, se Deus quiser, volto para o serviço”. (REALIDADE, agosto de 1968, p. 151).

O repórter revela que Juvenal tem 36,1 quilos, mede 1,57m, seu déficit de peso é de 61 por cento. Seria o caso de internamento imediato, mas Batista não tem onde interná-lo. “Além disso, ele tem ameba, anemia, catarata e o fígado anda mal. Juvenal vai morrer antes do fim do ano”. (REALIDADE, agosto de 1968, p. 155).

As descrições de pessoas e lugares são romanceadas, dramas são revelados a partir de ferramentas literárias: pressentimentos, maldição, motivação psicológica, descrições extensas, reprodução dos discursos do saber, registro das falas dos personagens, definição do tempo e espaço, entre outros artificios. “Ao atuar na organização das narrativas, no nível sintático, os processos narrativos realistas substituem discursivamente, as técnicas de controle da subjetividade e garantem a perfeita adequação entre o discurso ficcional e o jornalístico”. (COSSON, 2001, p.47). Cosson ao analisar o romance-reportagem assinala que toda a verdade, estar indubitavelmente amparada em fatos acontecidos, constrói-se, no nível do discurso, pelo princípio da verossimilhança:

No nível da diegese, que é o da história do mundo narrado, o romance-reportagem é verdadeiro por reproduzir fatos ocorridos em um mundo concreto, tal como a reportagem é verdadeira. Aqui o romance-reportagem tem a verdade factual como essência (...) O romance-reportagem ordena e apresenta os fatos segundo as necessidades de coerência da narrativa que ele instaura. A teia de faticidade com que a reportagem cobre e determina seus fatos, tendo como controle a relação fato/notícia, é substituída pela mimesis da representação, cujo controle é exercido pela verossimilhança (COSSON, p. 42, 2001).



“Aqui se come metade do necessário para viver”; “um terço das crianças morre antes de um ano”; “por falta de proteínas os homens não crescem”; “a maioria não sabe nada, nem que está doente”; “que futuro têm eles?; são algumas das frases pinçadas das muitas tragédias citadas na reportagem. As informações não são checadas. O importante para o repórter é a narrativa das vítimas e a representação de uma realidade cíclica, presentes também no romance nordestino dos anos 30, na literatura de cordel e na música de Luiz Gonzaga, só para citarmos alguns exemplos.

5. Tecendo histórias

A revista também é um espaço de reprodução de valores, que cristaliza crenças sociais. Reprodução reforçada pelas reportagens aqui analisada em *Realidade*. Relatos construídos a partir de textos com grande força dramática. Por isso, a comparação que Edvaldo Pereira Lima fez das reportagens de *Realidade* com o livro-reportagem. “De todas as formas de comunicação jornalística, a reportagem, especialmente em livro, é a que mais se apropria do fazer literário”. (LIMA, 2004, p. 173). Com relação à revista *Realidade*, o professor assinalou:

Realidade primou pelo texto solto que rompia com as fórmulas tradicionais do jornalismo no Brasil. Não chegou a atingir o grau de experimentalismo ousado que alcançou o *new journalism*, mas sem dúvida veiculou um texto de ruptura para com o próprio *new text* do jornal e da revista (...) Por isso o texto literário valia. O texto em que cada profissional testava a sua força de expressão. Em que cada um manipulava como lhe aprouvesse os elementos da artesanaria literária. (LIMA, p. 230, 2004).

Na reportagem “O Sertão Quer um Messias”, de Dirceu Soares, publicada em dezembro de 68, o tom romanceado é o mesmo de “Coronel não Morre” e “Eles estão com fome”. O fanatismo do nordestino, pobre e faminto permeia toda a reportagem, reforçando clichês e estereótipos. A matéria tem como principal personagem Frei Damião.

No abre, o viés é o da sedução do leitor. Em toda a reportagem quase não encontramos explicações sociológicas nem históricas sobre o fenômeno do messianismo no Nordeste Brasileiro. O repórter prefere recorrer a códigos literários e falas de impactos do personagem. Ou descrições que tensionam o texto: “Homens sem Deus, mergulhados na lama do pecado. Amancebados! Adúlteros! Mentirosos! Arrependi-



vos dos seus pecados! Do contrário, irão todos para o Inferno! Para o Inferno!” (Realidade, dezembro de 1968, p. 152).

Frei Damião é descrito como homem de batina surrada que percorre o sertão do Nordeste, prometendo o fogo do inferno aos pecadores e o paraíso aos justos. O repórter utiliza palavras genéricas, mas de impacto: “O povo diz que ele não come, cura doenças e faz chover. Que é enviado de Deus” (REALIDADE, dezembro de 1968, p. 151).

O jornalismo de verificação ou a objetividade possível, uma das principais características que distingue o jornalismo de outras formas de expressão, como a literatura e as artes é esquecido por Dirceu Soares. Ele prefere tecer uma narrativa fantástica, voltada para a ficção, para o irreal, para o utópico.

O sol dos paralelepípedos esquenta ainda mais estas ruas – todas com nomes de santos – de Juazeiro do Norte. A velha Rosa de Souza Oliveira entra na casa da solteirona Maria das Virgens, na rua Nossa Senhora da Conceição, levando os óculos para emendar o aro. Enquanto espera, a velha Rosa fala de frei Damião e lembra casos: É um santo homem. E aí daquele que não seguir seus conselhos. Olhe, havia aqui um tal de Chico Lopes. Morava na roça e a mulher dele e os filhos, na cidade. Um dia, mandaram chamá-lo para fazer com conserto na casa, e ele ao arrumar o caibro caiu e ficou sem falar. Foram buscar Frei Damião, que por sorte, estava em Juazeiro, para confessá-lo e curá-lo. Frei Damião chegou e disse: “confessá-lo não posso, pois ele está sem fala. Mas darei a minha benção. Ele ficará bom, não vai morrer”. Depois, chamou a mulher de Chico Lopes e disse: “Ele vai ficar bom, mas depende da senhora. É preciso resolver este caso, há muitos anos que a senhora está casada com ele, mas não cumpre seus deveres como esposa”. A mulher ficou espantada, como é que Frei Damião sabia disso? Aí ela explicou que não havia meio, no início gostava do marido, depois passou a desgostar. Frei Damião ficou irado. “Você e seu marido e seus filhos irão todos para o inferno arrastados pela senhora. A senhora casou, tem que proceder como casada. A mulher caiu de joelhos: “Não faça isso Frei Damião. Sei que estou errada, vou me reconciliar com ele”. Na mesma hora em que ela se arrependeu, a fala de Chico Lopes voltou e ele ficou bom. (REALIDADE, dezembro de 1968, p. 158).

As histórias são muitas, narradas por personagens envoltos no misticismo, na crença de Deus e do Diabo, do Céu e do Inferno. Frei Damião prega pelos sertões do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Bahia. “Conta-se que ele não come, não dorme, que vai de cidade em cidade, de povoado em povoado, sempre andando a pé pelas estradas. E conta-se que, logo após a sua passagem, desaparecem por bastante tempo as bebedeiras, as arengas, o barulho, as brigas”. (Realidade, dezembro de 1968, p, 152).



Além de Frei Damião, a reportagem conta casos de Padre Cícero, Pedro Batista e Antonio Conselheiro. Coloca estes personagens num mesmo tipo de narrativa, num tempo cíclico, na mesma perspectiva. “Cada casa em Juazeiro do Norte tem seus santos na parede. Infalivelmente, Padre Cícero e Frei Damião”. (REALIDADE, dezembro de 1968, p. 157).

A senhora soube do caso do Soares? Ele largou a esposa e estava vivendo com outra mulher, mais jovem. Frei Damião chamou-o e disse que a coisa não estava certa. O Soares explicou que não via nada de mal naquilo até porque a mais nova precisava mais dele do que a outra. Era môça quando ele foi viver com ela, agora, estava grávida, não podia largar ela sozinha. Frei Damião disse: “O cemitério está aí”. Meses depois, quando foi ter a criança lá no Crato, a mulher morreu de parto. (REALIDADE, dezembro de 1968, p. 159).

Rildo Cosson, a exemplo de Edvaldo Pereira Lima, também cita a importância da revista *Realidade* no campo do jornalismo literário. Segundo ele, a revista foi antecessora do romance-reportagem no Brasil, sempre apresentando desde o primeiro número uma série de reportagens nada convencionais. O impacto da revista no mundo jornalístico foi grande.

Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, em *Técnica de Reportagem*, também destacam a aproximação da revista *Realidade* com as técnicas ficcionais. Para eles, os repórteres da revista praticavam o que chamavam de reportagem-conto, isto é, uma reportagem que vai buscar no conto modelo condutor de seus textos. Um dado interessante sobre essa reportagem-conto é o de que os autores escrevem sobre personagens populares, anti-heróis, temas ligados ao cotidiano de gente humilde e, sobretudo, uma visão paternalistas e idealizada das classes oprimidas. (COSSON, p. 24, 2001).

Durval Muniz de Albuquerque Júnior em *A Invenção do Nordeste e Outras Artes* assinala que a mídia sempre utilizou estereótipos quando lança um olhar sobre o Nordeste, particularmente quando focou temas como o messianismo, o coronelismo, a seca e o cangaço. Temas explorados pela revista *Realidade* de forma idealizada e paternalista, como frisa Cosson. Um discurso da estereotipia. Discurso este plasmado também pelas produções culturais nordestino desde o início do Século XX. Para Durval Muniz de Albuquerque Junior, o Nordeste e o nordestino miserável, seja na mídia ou fora dela, “não são produto de um desvio de olhar ou fala, de um desvio no funcionamento do sistema de poder, mas inerentes a este sistema de forças e dele constitutivo. O próprio Nordeste e os Nordestinos são invenções destas determinadas



relações de poder e do saber a elas correspondentes”. (ALBUQUERQUER JUNIOR, 2009, p. 31).

O autor problematiza a produção histórica e cultural nordestina responsável pelas mesmas práticas discursivas que cristalizaram desde o Século passado um olhar estereotipado da região. “Este espaço abstrato surge abordado por seus temas e imagens já cristalizados, ligados à própria produção cultural popular: a seca, as retiradas, as experiências de chuva, a devoção aos santos, o Padre Cícero, a questão da honra”. (ALBUQUERQUE JR, 2009, p.181).

O Nordeste, na visão de Duval Muniz Albuquerque Jr., é tomado como invenção, pela repetição regular de determinados enunciados, “que são tidos como definidores do caráter da região e de seu povo. “Os discursos não se enunciam, a partir de um espaço objetividade determinado do exterior a si, são eles próprios que inscrevem, que os produzem e os pressupõem para se legitimarem”. (ALBUQUERQUE JR, 2009, p. 31). Ou seja, antes de inventar o regionalismo as regiões são produtos deste discurso.

A revista da editora Abril Cultural revisitou com a pena de repórteres talentosos antigas histórias. Refez antigos caminhos atualizando assuntos ainda presentes no imaginário coletivo. Como assinala Miquel Alsina, “não existe leitura da realidade que seja descontextualizada e que não esteja objetivada. O sujeito observador é o que confere sentido ao acontecimento”. (ALSINA, 2009, p. 113).

Para Alsina, esse tipo de narrativa se institucionaliza socialmente. São estatutos essenciais para a prevalência da verdade de determinados discursos. “O efeito de dizer a ‘verdade’ é reforçado, justamente porque a mídia costuma recolher o mesmo tipo de notícia” (ALSINA, 2009, p.174).

Realidade foi protagonista, dentro daquele contexto de mudanças, de um jornalismo que não resistiu aos impactos tecnológicos, nem ideológicos. A consolidação da cultura de massa passou a integrar o mercado ajustado aos padrões internacionais, dentro da nova ordem estabelecida. Para Miquel Alsina a mídia, ou parte dela, não está sob a égide direta de um único poder político. Existem acontecimentos que se impõem no próprio sistema de comunicação institucionalizado, por possuir determinadas características. Ele assinala que a construção social da realidade por parte da mídia é um processo de produção, circulação e, principalmente, reconhecimento.

Portanto, essa relação entre o jornalista e seus destinatários estabelece-se por um contrato pragmático fiduciário social e historicamente definido. Os



jornalistas têm a incumbência de recopilar os acontecimentos e os temas importantes e dar-lhes sentido. Esse contrato baseia-se em atitudes epistêmicas coletivas, que foram se compondo através da implantação do uso social da mídia como transmissora da realidade social de importância pública. A própria mídia é a primeira que realiza uma prática contínua de auto-legitimação para reforçar esse papel social. (ALSINA, 2005, p.47).

Foi o que fez a revista *Realidade* ao abraçar uma linha editorial que refletiu e aprofundou debates pautados por um singular momento histórico, momento de mudanças até hoje presentes na contemporaneidade. A partir de suas reportagens, a publicação manteve seu pacto com o leitor. Rompeu as certezas, as rotinas profissionais, o ritmo mecânico do exercício jornalístico, estabelecendo sentido para os fatos, lançando mão de códigos da literatura para narrar suas histórias.

O perfil traçado por José Hamilton em nove páginas da revista *Realidade* teve o sugestivo título “Coronel não morre”. Geralmente, as matérias de outras publicações editadas entre 1950 e 1960 traziam manchetes referindo-se a Chico Heráclio como “O último coronel”. Figura romanesca, Chico Heráclio representou, melhor que qualquer outro, a figura coronel nordestino. Através dele, o coronelismo se inventa como ferro de marca através de caricaturas, de trajes e falas, de um regionalismo explorado até hoje, não apenas em jornais e revistas, mas por novelas, filmes e livros. O mesmo ocorrendo com os personagens retratados por Eurico Andrade em “Eles estão com Fome” e por Dirceu Soares em “O Sertão quer um Messias”.

Realidade passou por vários *Brasis*. Arcaicos, modernos e revolucionários. Visitou o Nordeste brasileiro por várias vezes. Foram diversas reportagens – “Este Boi é Meu”, de Roberto Freire, publicada na edição de março de 1967; “O Piauí existe”, de Carlos Azevedo, abril de 1967; “Eles estão com Fome”, de Eurico Andrade, agosto de 1968; “O Sertão quer um Messias”, de Dirceu Soares, dezembro de 68, entre outras. Chegou a publicar uma edição especial sobre o Nordeste, em novembro de 1972, editado por Audálio Dantas. Nordeste e seu rosário de tragédias e misérias. Fome, messianismo e coronelismo. Reforçou, mesmo de maneira singular um discurso monológico do coronelismo nordestino. Imagens até hoje cristalizadas no imaginário brasileiro.



7. Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE, JÚNIOR. Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e Outras Artes**. São Paulo: Cortez Editora, 2009.
- ANDRADE, Eurico. **Eles estão com fome**. In: revista **Realidade**, São Paulo, agosto de 1968 páginas 148-160
- ALSINA, Miquel Rodrigo. **A Construção da Notícia**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.
- BOAS, Sérgio Vilas. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2000.
- COSSON, Rildo. **Romance-Reportagem: o gênero**. Brasília: Imprensa Oficial/Editora UnB, 2001.
- FARO, José Salvador. **Revista Realidade – 1966-1968**. Tempo da Reportagem na Imprensa Brasileira. Canoas, RS: 1999.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas – O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Editora Manole, 2009.
- MARÃO, José Carlos; RIBEIRO, José Hamilton. **Realidade Revista**. A História e as melhores matérias que marcaram o jornalismo e influenciaram as mudanças no País. São Paulo: Realejo Livros, 2010.
- MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.
- MCCOMBS, Maxwell. **A Teoria da Agenda: Mídia e a Opinião Pública**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.
- MORAES, Letícia Nunes de. **Leituras da Revista Realidade – 1966-1968**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2007.
- ORTIZ, Renato. **A Moderna Tradição Brasileira: Cultura Brasileira e Indústria Cultural**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A Apuração da Notícia – Métodos de Investigação na Imprensa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.
- RÊGO, André Heráclio do. **Família e Coronelismo no Brasil: Uma História de Poder**. São Paulo: A Girafa, 2008.
- RIBEIRO, Lavina Madeira. **Imprensa e Espaço Público: A Institucionalização do Jornalismo no Brasil – 1808 – 1964**. Rio de Janeiro: E Papers, 2004.
- RIBEIRO, José Hamilton. **O Repórter do Século**. São Paulo: Geração Editorial, 2006.
- _____. Coronel não morre. In: Revista **Realidade**, São Paulo, novembro de 1966. Páginas 28-36.
- SOARES. Dirceu. **O Sertão quer um messias**. In: Revista **Realidade**, São Paulo, dezembro de 1968, págs. 148-161.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: por que as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005
- _____.
VILAÇA, Marcos Vinícios; ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcante de. **Coronel, Coronéis – Apogeu e declínio do coronelismo no Nordeste**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação de Massa**. São Paulo. Martins Fontes, 2005.